

Aspectos da quilombagem intelectual de Clóvis Moura: Marxismo e culturalismo no livro “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel”¹

Christian Ribeiro²

Resumo: Este artigo possui como premissa, desenvolver reflexão sociológica que aborde o livro “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel” (1976) enquanto um momento de inflexão a obra teórica-política de Clóvis Moura, ao incorporar o método de interpretação culturalista de sociedades ao modelo marxista de problematização histórico-sociológico mouriano, ao mesmo tempo que contextualiza e situa sua obra a tradição intelectual afro-americana diaspórica. Demonstrando quanto o racismo brasileiro se reproduz, se manifesta, através de nossas camadas sociais mais pobres e populares, para assim abordar e criticar o quanto este age como instrumento de reprodução e sustentação ideológica elitista e conservadora de controle social no Brasil. Para assim contextualizar o quanto esse livro ao mesmo tempo demarca um aprofundamento e refinamento tanto ao conjunto teórico marxista crítico-social antirracista e pró-negritude de Clóvis Moura, quanto ao próprio conjunto intelectual do pensamento social negro no Brasil.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Pensamento social. Clóvis Moura.

Abstract: The premise of this article is to develop a sociological reflection that addresses the book “The color prejudice in cordel literature” (1976)

¹ Este artigo é uma versão ampliada e modificada do trabalho apresentado enquanto requisito final para conclusão do curso “*Certificado en Estudios Afrolatinoamericanos*” ministrado pelo “*Afro-Latin American Reserach Institute at the Hutchins Center*” da *Harvard University* entre os anos de 2020-2021.

² Sociólogo, com licenciatura plena e bacharelado em Ciências Sociais, mestre em Urbanismo, professor de Sociologia da SEDUC-SP, doutorando em Sociologia pelo IFCH-UNICAMP, pesquisador das áreas de negritudes, movimentos negros e pensamento social.

as a moment of inflection to the theoretical-political work of Clóvis Moura, by incorporating the method of culturalist interpretation of societies to the Marxist model of Mourian historical-sociological problematization, while contextualizing and situating his work in the diasporic African-American intellectual tradition. Demonstrating how much Brazilian racism reproduces, it manifests itself, through our poorest and most popular social strata, in order to approach and criticize how much it acts as an instrument of reproduction and ideological support and conservative of social control in Brazil. In order to contextualize how much this book at the same time marks a deepening and refinement both to the marxist anti-racist and pro-black theoretical and social black ensemble of Clóvis Moura, and to the intellectual ensemble of black social thought in Brazil.

Keywords: Cordel literature. Social thought. Clóvis Moura.

Introdução

O artigo presente tem como premissa desenvolver problematização que aborde o racismo brasileiro através do livro “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel” (1976) de Clóvis Moura³, em que o autor realiza reflexão sociológica acerca do uso de uma manifestação de caráter popular⁴, enquanto instrumento de

³ Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003), nascido em Amarante no Piauí, foi um pensador social marxista, artífice de uma práxis intelectual e política de viés marxista e revolucionária que teorizou a formação social do Brasil e sua modernidade incompleta pelo prisma das populações afro-brasileiras, socialmente marginalizadas e silenciadas pelo pensamento social brasileiro institucional, enquanto sujeitos e atores ativos, construtores tanto de sua própria historicidade, quanto do processo de constituição e modernização da sociedade brasileira, problematizando o racismo e as mazelas sociais dele decorrente, enquanto o elemento chave de nosso arcaísmo e conservadorismo estrutural.

⁴ Literatura de cordel enquanto forma cultural literária – com seus folhetos produzidos artesanalmente, em que suas capas e desenhos gráficos são impressos a partir de xilogravuras, sendo esticados e postos para secar em finas cordas (varais), daí advindo o nome “cordel” – de origem lusitana que sofreu influência das culturas afro e indígenas no Brasil, resultante na constituição desta em uma expressão cultural popular do conceito de brasilidade, que se faz transmitir de localidade em localidade,

alienação social e racial no Brasil, além de atuar enquanto meio de reprodução e manutenção de preconceito racial contra a população afro-brasileira. Dessa maneira atuando como forma de sustentação do ideário racista e discriminatório da sociedade brasileira.



Clóvis Moura, um pensador social revolucionário em míticas terras brasileiras de democracia racial. (Fonte: <https://mst.org.br/2020/07/14/clovis-moura-os-95-anos-do-pensador-negro-e-comunista/>)

Um processo de análise e investigação que demarcou uma inflexão ao conjunto político e intelectual característico de seu pensamento social. Pelo fato de situar uma forma de expressão cultural enquanto fenômeno sociológico central de sua problematização teórica. Livro que demarca o estabelecimento de um diálogo intelectual e de influências teóricas-políticas mútuas entre Clóvis Moura e Abdias

através de declamações rimadas ou cantadas..

Nascimento (1914-2011), mesmo que por vezes de maneira cifrada, ou não declarada⁵, além de também podermos destacar a ocorrência de uma troca intelectual e política entre Clóvis Moura e Manuel Olivella⁶ (1920-2004). O que acabou por resultar em um processo de refinamento investigativo e ampliação do escopo teórico do pensamento social mouriano, ressaltando à já característica interdisciplinar de sua obra. Um autor organicamente não mais “dividido” em duas facetas intelectuais (marxismo e culturalismo) aparentemente estanques e não conciliáveis entre si. É a partir de “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel” que Clóvis Moura estabelece um novo patamar e perspectiva teórico-metodológico em sua obra, ao mesmo tempo em que se dá novas possibilidades e potencialidades investigativas e de teorizações ao campo dos estudos afro-brasileiros, sendo o mesmo uma representação de nossa busca em realizar aprofundamento referente ao proceder investigativo em relação aos processos de resistências negras antirracistas e pró-negritudes nas Américas, que se dão para além das normativas sistêmicas e tradicionais dos campos intelectuais hegemônicos.

1. Clóvis Moura e o olhar sociológico sobre o racismo brasileiro

“O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel” é obra que sintetiza o caráter subversivo da obra de Clóvis Moura em exercer sua práxis intelectual para além dos padrões hegemônicos do pensamento social brasileiro. Ao realizar essa “tentativa de análise sociológica” (MOURA, 1976), acaba por inserir a questão cultural, os fenômenos

⁵ Um processo de diálogo e influências que resultou na constituição da principal base teórica e política do que viria a ser o denominado novo movimento negro brasileiro em final dos anos 1970.

⁶ Exemplo de diálogos e saberes afrodiaspóricos, de perspectivas sociais antissistêmicas e pró negritudes nas Américas por vezes ignoradas em suas ocorrências, mas que acabaram por influenciar as trajetórias políticas destes intelectuais em suas relações com os movimentos negros que se rearticulavam na América do Sul a partir dos anos 1970 e 1980.

culturais, de maneira contextualizada e inerente a sua problematização histórico-sociológica, de maneira orgânica e não mais como um elemento em separata ao seu escopo teórico e fortuna crítica como até então fazia-se por ocorrer. Além dessa especificidade, o livro também pode ser interpretado enquanto exemplo da produção intelectual afro-brasileira em teorizar e problematizar as questões sociais do país, tendo por base referencial as historicidades e cotidianos oriundas ou que se manifestam a partir das vivências e experiências dos grupos étnico-raciais afrodescendentes enquanto sujeitos sociais e atores políticos ativos e construtores de sua própria realidade-mundo. Saberes e potências intelectuais que comumente fazem-se ignorar ou negados em seus méritos e particularidades pelos cânones intelectuais e seus conjuntos de pensamentos sociais mais ortodoxos, tradicionalistas e formalistas que acabam por agir enquanto elementos de defesa, manutenção e reprodução de nosso racismo e elitismo societário ao longo de nossa história (RIBEIRO, 2020).

Por esse aspecto, por essa perspectiva, o estudo mouriano que aqui fazemos por dissecar é inerente ao olhar sociológico do autor acerca do racismo brasileiro e suas particularidades, além de exemplificar uma ampliação de sua capacidade de análise crítica a sua práxis intelectual e teórica marxista já manifestada na publicação da segunda edição de “Rebeliões da Senzala” (1972), reflexo dos próprios caminhos políticos e dos acúmulos de seus estudos e pesquisas ao longo de décadas⁷ e das respectivas mudanças que tanto a sua trajetória pessoal, quanto do próprio movimento social e político afro-brasileiro, e afro-diaspórico, sofreram em meio a esse período temporal.

O livro se dá em meio ao processo de rearticulação dos movimentos negros e conseqüentemente das negritudes brasileiras – em meio ao processo ditatorial civil-militar (1964-1985) – inseridos aos processos de rearticulações políticas-culturais-sociais e revolucionários, característicos dos movimentos (afro-diaspóricos) de

⁷ Os estudos raciais e afro-brasileiros de Clóvis Moura, têm início em começo dos anos de 1940, perdurando por mais de seis décadas até o falecimento do autor em 2003.

negritudes internacionais (DÁVILLA, 2011). Enquanto esforço individual, no sentido da sua solidão autoral, e de se dar fora dos campos institucionais, sem os apoios e suportes materiais e financeiros que a formalidade acadêmica-intelectual pode oferecer. Sendo por isso que Clóvis Moura deixa nítido ao público leitor os limites e os alcances do estudo, não objetivando que o mesmo fosse considerado no sentido de “sistemático”, mas sim em seu sentido exploratório.

O presente trabalho visa estudar o preconceito contra o negro na Literatura de Cordel. Evidentemente, não se trata de um estudo sistemático, o que seria impossível para um só autor, levando-se em consideração a complexidade do tema, e a grande quantidade de material existente. É, portanto, um ensaio exploratório do assunto. (MOURA, 1976: 3)

Mas sem deixar de enfatizar o seu compromisso em realizar o estudo como um compromisso de sua parte em analisar e problematizar temática que considerava pouco valorizada, a margem dos campos intelectuais legitimados ou balizados pelos poderes socialmente hegemônicos. Para isso utilizando-se de uma rede investigativa, de contatos, trocas de ideias e reflexões, para suprir a falta de estrutura financeira que poderia vir a impedir o seu exercício, o seu ofício investigativo, mas que ao mesmo tempo acabava por reafirmar o caráter de independência e liberdade de suas articulações e produções intelectuais.

Livro que para o melhor discorrer e entendimento de sua problematização acerca do racismo brasileiro, através de análise sociológica do uso da literatura de cordel enquanto elemento de reprodução ideológica do racismo estrutural inerente a esta sociedade, foi estruturado em cinco partes⁸, que nos apresentam:

⁸ Ainda constando ao corpo do livro uma introdução realizada por Jorge Amado – em que é manifesta uma tensão conceitual entre ele e Moura, em que se nota a incorporação

- (Capítulo 1: APRESENTAÇÃO DO MATERIAL) uma primeira parte em que Clóvis Moura explica ao leitor como se deu a difusão da metodologia de sua pesquisa, de seu estudo. Além dos métodos por amostragem empregados para a realização da mesma, do apuro relacionado ao (re)trabalhar das fontes e materiais garimpados que deram forma final ao livro, ao mesmo tempo em que explica e justifica o porquê da concepção e realização da obra em questão;

- (Capítulo 2: INFERIORIZAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA DE CORDEL) uma contextualização e problematização do negro na perspectiva da literatura de cordel, enquanto reflexo de nosso racismo estrutural;

- (Capítulo 3: IDENTIFICAÇÃO DO NEGRO COM O DEMÔNIO NA LITERATURA DE CORDEL) o processo de desumanização do negro pelo racismo brasileiro e de sua associação e representação com a figura do demônio na literatura de cordel, como exemplo do processo de desumanização e coisificação das populações negras no imaginário e na realidade social brasileiro;

- (Capítulo 4: TENTATIVA DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA) explicação de sua interpretação sociológica acerca da inferioridade do negro na literatura de cordel;

- (CONCLUSÕES) os resultados de sua problematização sociológica em que contextualiza e discorre o uso da função social de literatura de cordel como expressão cultural de viés popular

dos conceitos freyrianos de miscigenação harmoniosa e conciliatória por parte de Jorge Amado, que embora já presentes na sua obra, se tornariam públicos e incorporados ao seu ideário comunista de sociedade a partir de meados dos anos 1980 – que em uma aparente descontextualização com a discussão proposta por Moura, acaba por revelar o quanto o livro estava em desacordo com o imaginário social brasileiro e sua reprodução incontestada da mítica democracia racial brasileira; uma seção explicativa do próprio autor, como que em resposta ao prefácio de Jorge Amado, em que Moura contextualiza e explica acerca da trajetória, do caminho metodológico e dos objetivos que pretende atingir com o seu ensaio, atestando o caráter não conciliatório e conflitivo do mesmo; além de apresentar um apêndice, com comentários e análises de Clóvis Moura, acerca de algumas das fontes utilizadas para a concepção e realização do estudo.

que transmite, repassa, os ideários racistas de nossas elites entre as populações socialmente mais marginalizadas e discriminadas, dessa maneira naturalizando o racismo, ao mesmo tempo que escamoteia a sua existência e ocorrência disfarçadas em pseudomanifestação do espírito alegre e brincalhão do povo brasileiro e não reflexo de uma sociedade estruturalmente arcaica e racista.

“O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel”⁹ através dessa estrutura, desenvolve um discurso inovador a época, que discorre em seu conjunto, sobre as diferentes complexidades das relações sociais e de poder que formam e caracterizam a sociedade brasileira. Nos revelando, por essa perspectiva teórica marxista não usual, de que a teoria freyriana em que racismo no Brasil – pelo fato do “povo brasileiro” em seus cotidianos e relações sociais (diretas ou indiretas) não se darem por uma bula racista e nem racialista – não se dá sistematicamente, devido ao processo da miscigenação nos tornar ao final todos iguais enquanto povo é falha, quando não, voltada intencionalmente a escamotear as nossas tensões e diferenças sociais. Tensões e diferenças sociais que ocorrem devido a nossa origem e herança escravocrata, da perpetuação dos padrões de sociabilidades que dali se dão e se reproduzem em nosso dia a dia, através dos séculos. Essa contestação ao ideário freyriano de que o nosso processo miscigenatório nos torna um povo física e culturalmente igualitário em nossa brasilidade, e por isso essencialmente antirracista, acaba por contextualizar de que o uso conceitual de “povo brasileiro” não se sustenta enquanto exemplo de relações populares harmoniosas imunes aos efeitos e influências do racismo. Pela lente analítica mouriana, mesmo os brancos pobres, situados entre as camadas sociais mais baixas, exploradas social e economicamente, também discriminados pelas elites dominantes, sabem como operar e tirar vantagens de sua condição étnico-racial de pessoas, consideradas, brancas ou “não-negras” no Brasil, acabando

⁹ Livro resultante de uma série de informações coletadas ao longo dos anos, que foram sistematizadas e desenvolvidas enquanto livro a partir de 1972, sendo sua publicação realizada em 1976.

por reproduzir os códigos e condutas que sustentam – enquanto conceito e prática – o racismo estrutural brasileiro.

Uma obra que através desse recorte sociológico, constituinte do cerne investigativo de seu livro, nos demonstra que os argumentos de que a conceitualização de “povo brasileiro” ou a concepção ideológica de que a pobreza material torna a todos os excluídos e marginalizados sociais enquanto socialmente equânimes no Brasil, o que resultaria em nossa brasilidade – que é essencialmente popular e mestiça – não nos permitindo sermos racistas, é equivocada, falsa em sua premissa e conclusão. Por isso sendo “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel” a contribuição mouriana, enquanto pensador social marxista, em desmistificar as “certezas do senso comum” em pleno período do regime ditatorial civil-militar vigente no país, que tinha como uma de suas bases ideológicas de sustentação a defesa intransigente de que o Brasil era uma sociedade livre da mácula do racismo (MOURA, 1977; NASCIMENTO, 1981; DÀVILLA, 2011).

O preconceito de cor que a Literatura de Cordel reflete, nada mais é, portanto, do que o fruto de todos esses elementos negativos contra o negro projetados em uma ideologia elitista, produzida por cantadores populares plebeus, fato que bem demonstrar até que ponto a ideologia das classes dominantes consegue penetrar em grupos sociais e estratos que, fundamentalmente, são explorados pelo capitalismo, mas têm uma visão alienada do processo de exploração e subordinação a que estão submetidos. (MOURA, 1976: 71)

“O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel” é estudo que também pode ser interpretado enquanto exemplo do processo de interpretação histórica e problematização sociológica de viés marxista que demarca o uso de expressões e manifestações culturais enquanto conceitos analíticos incorporados organicamente ao conjunto intelectual de Clóvis Moura.

Ao mesmo tempo em que também demarca a intersecção da obra de Moura a tradição intelectual afro-americana diaspórica em problematizar expressões-manifestações culturais para o desenvolvimento de teorizações críticas que abordam as consequências que essa forma de diáspora – em seu conceito histórico de deslocamento transcontinental impositivo a todo um conjunto populacional de diferentes populações africanas – acabou por afetar as populações de origem afro nas Américas e dos processos de (sobre)vivências, resistências e contestações que estes sujeitos históricos têm desenvolvido ao longo dos séculos, enquanto formas de (re)construção de historicidades, saberes e potências, perante as hierarquias sociais discriminatórias e racistas em que se viram alocadas durante a edificação da “modernidade civilizatória” no chamado “novo mundo”. Um conjunto de teorização crítica social de viés antissistêmica, que em especial a partir do século XX adquire um caráter progressista (HALL, 2006; WEST, 2017) – especialmente comunistas, socialistas e anarquistas – e pan-africanista (OLIVELLA, 2010).

2. A cultura popular enquanto expressão e sustentação ideológica do racismo brasileiro em “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel”

O processo de inferiorização das populações negras no Brasil através da literatura de cordel se dá para Clóvis Moura, faz-se perceber, já num primeiro momento quando são analisadas as temáticas discutidas pelos cordelistas em que se faz presente uma depreciação sistemática em relação as mulheres negras. Sempre no sentido de reafirmar a sua inferiorização dupla, por ser negra e mulher, ao mesmo tempo que ressaltam de maneira depreciativa a cor de sua pele, o seu fenótipo e dão ênfase a um instinto sexual sem limites, “uma das formas de inferiorização da mulher negra é colocá-la apenas como objeto de gozo sexual do macho branco” (MOURA, 1976: 25)

Para Moura, essa inferiorização da população negra, em especial das mulheres deste grupo étnico-racial, um fenômeno social que ocorre, portanto, enquanto resquício de nossa histórica formação escravocrata:

Reminiscência desse tipo de relacionamento é o comportamento de certos grupos brancos que, no julgamento da mulher negra, aceitam esses estereótipos. Para esses grupos ela é sem moral, tem um permanente apetite sexual, entrega-se facilmente aos brancos. Em todos os pontos em que a escravidão se desenvolveu, este tipo de análise do comportamento da mulher negra se apresenta. (MOURA, 1976: 26)

Essa característica da literatura de cordel, demonstra o quanto o nosso arcaísmo social, através do racismo e patriarcado, insere-se a própria função social do cordel, enquanto uma expressão cultural de viés popular que revela através de sua escrita e oralidade – já que ela se manifesta como literatura cantada – debochando e ridicularizando as contradições e conflitos, dos padrões formais-burgueses de nossa sociedade. Por esse sentido, sendo uma forma de cultura subversiva e antissistêmica, em sua estrutura fonética rimada, originada em relatos orais e que depois se fazem impressos, mas que acaba também por reproduzir os valores vigentes que ela mesma combate em sua essência¹⁰.

Além dessa centralidade da mulher negra para a sua problematização do cordel enquanto elemento de reprodução e manutenção de nosso racismo estrutural, o livro também nos situa o quanto a figura simbólica do homem negro era (é) também desumanizada na tradição cordelista, seja através de sua emasculação perante o homem branco, sendo apresentado:

¹⁰ Uma realidade que se expressa quando percebemos que muitos escritores e cantantes cordelistas são negros ou mestiços, e não percebem por vezes a sua própria participação enquanto elemento ativo reprodutor de uma realidade social e histórica que ao final age contra a sua própria existência.

- A figura do homem traído em suas relações amorosas, sendo substituído sempre pelo homem branco, incapaz de lhe “fazer páreo” ante as qualidades humanas superiores de seu “oponente”, sempre com recortes eróticos que associam ao negro a uma falta de inteligência e incapacidade em seguir aos padrões mínimos de civilidade, além de ressaltar a sua impotência sexual e de virilidade, em contraposição a representação de inteligência e de cidadania, além de plena potência sexual e de virilidade, associada ao homem branco;

- Contextualizado enquanto elemento negativo nos casamentos interétnicos, por sua incapacidade civilizatória ou por instintos animais de violência e sexualidade extremada, enfatizando que tal relação afetiva de mulheres brancas com negros sempre se dá enquanto uma relação de perigo e prejuízo a mulher branca, não sendo incomum os cordéis desse viés terminarem com a morte do homem negro e com um novo casamento da mulher branca, com pessoa de seu próprio grupo étnico-racial, como forma de representar a recuperação de sua “dignidade”, de sua própria condição de humanidade;

- A naturalização em associar-se a figura do negro ao diabo, em um processo extremo e radical, mas frequente, em desumanizar a condição humana deste e a de seu grupo étnico-racial de pertença ao que de mais espúrio pode haver em uma sociedade erguida sobre os cânones religiosos e sociais judaico-cristão. Tudo que há de ruim, de negativo, de perigoso, que foge ou questiona aos padrões de sociabilidades normativos da sociedade brasileira é direcionado as populações negras. O que justifica o processo de branqueamento racial, instigado através dos processos de miscigenação, em se buscar livrar o país dessa presença incomoda ao nosso pleno desenvolvimento civilizatório e impedimento ao nosso ingresso a modernidade. Para isso sendo todos os meios, desde espancamentos, abusos físicos e psicológicos, exílio e assassinato, sendo justificados e enaltecidos para que ao final ocorra um grande exorcismo, o expurgo do mal entre nós. Sendo tais características racistas presentes as produções de cordel que trabalham por esta perspectiva interpretativa de nossa formação

histórica. Acabando o cordel, dessa maneira, por reafirmar aquilo que Moura define enquanto o status social do negro enquanto inferior (MOURA, 1976).

Assim ocasionando um conjunto de relações sociais e culturais entre os extratos populares de nossa sociedade que geram uma ambiguidade social de reprodução e assimilação dos valores dominantes racista e machistas, que acabam tensionando esses processos de convivências cotidianos, por vezes gerando situações conflitivas entre estes sujeitos sociais, sem questionar a ordem vigente e os padrões históricos-sociais que dão origem a tal tensionamento, assim mantendo-se a ordem social hegemônica, que os regulam e controlam, inalterada e imutável em seu processo de dominação elitista, classista e racial¹¹.

A literatura de cordel é forma de arte que reflete os meandros, os pormenores, as miúdes de nossas relações e interações sociais, culturais e políticas que nos formam e caracterizam enquanto sociedade. Portanto faz-se como expressão cultural orgânica daquilo que podemos definir como brasilidade, que por uma perspectiva mouriana não é lúdica ou idílica, mas sim retrato de nossas contradições e complexidades de nação incompleta devida a nossa característica de sociedade baseada em valores fundantes de discriminação e dominação étnico-racial e social de determinado grupo humano sobre outros grupos humanos.

A problematização da literatura de cordel pelo recorte sociológico de Clóvis Moura, acaba por contextualizar e comprovar de que a democracia racial brasileira e a harmonia social dela decorrente não existem de fato, pois o racismo, assim como o machismo, não

¹¹ Mesmo as ações de enfrentamento a esta narrativa racista cordelista, refletem esse padrão de enfrentamento e tensionamento voltado para si entre as classes marginalizadas e populares, enquanto as elites ficam fora deste conflito e não tem a sua participação decisória e fundamental, na constituição e perpetuação do racismo em terras brasileiras, questionada. Se discute e problematiza-se os efeitos, mas não as causas, dessa forma acabando ao final por tudo manter-se estruturalmente inalterado, como sempre se fez constituir, aos círculos decisórios e de poder da sociedade brasileira.

se dão apenas como fatores esporádicos de nossas elites (FREYRE, 2013) mas se tornam presentes ao nosso ideário social, aos nossos padrões de legitimidade e reconhecimento social, em que tudo aquilo que se apresenta enquanto “branco”, de origem europeia, patriarcal (aparentemente heterossexual) e cristão é ao seu final estabelecido como o padrão de sociabilidade a ser seguido, a se fazer inserir, ou ao menos, acabar sendo por ele legitimado. Por ser forma de cultura que se dá, se realiza por contextualizar e revelar todas as formas de relações sociais que existem e se reproduzem nas sociedades em que se encontram inseridas.

Moura não questiona que todo cordelista é um cronista social, histórico e político das sociedades por onde habitam e circulam, que retratam a sua realidade-mundo sempre por um olhar voltado a retratar aquilo que tradicionalmente não se questiona ou problematiza em meio a nossa “normalidade social” não conflitiva, e dessa forma questionando e rompendo aos padrões vigentes e hegemônicos conservadores que regulam os processos de vivências e interações – formalmente ou não – socioculturais da sociedade. Mas contextualiza e problematiza de que é exatamente por essa sua característica organicamente popular, que o cordel acaba dialeticamente também por manifestar e reproduzir os padrões de exclusão social e racistas que denunciam e conflitam através de suas expressões cantadas e escritas. Dessa maneira sendo forma de cultura que expressa as contradições, as incongruências e complexidades que marcam e caracterizam as “almas e carnes” da sociedade brasileira, que regem o nosso ideário e funcionamento enquanto sociedade estruturalmente ainda arcaica, conservadora e racista em suas sociabilidades e padrões de comportamento.

3. Conclusão: O antirracismo intelectual de Clóvis Moura e o seu pequeno-grande livro dos estudos afro-brasileiros

A obra de Clóvis Moura faz-se contextualizar enquanto um pioneiro daquilo que hoje se define enquanto “campo dos estudos afro-latino-americanos” (ANDREWS & FUENTE, 2018), de teorização

marxista não ortodoxa¹² acerca da formação social brasileira e de sua incompletude cidadã enquanto nação, pela valorização em dar voz aos pensamentos anti-hegemônicos e não sistêmicos das populações negras como expressões valorativas de saberes e potências transformadoras de realidades-mundo responsáveis diretas pela modernização da sociedade brasileira.

Essa forma de quilombagem intelectual mouriana, de promover a constituição de uma práxis pensante negra e insubmissa em meio ao universo do conjunto teórico social brasileiro, de realizar uma inserção combativa ante a historiografia elitista e conservadora. Para desse modo contestar e confrontar a visão tradicionalista e hegemônica de se interpretar a formação e constituição da sociedade brasileira sem a participação crítica e decisória das populações afrodescendentes nesses processos, tendo assim a sua relevância histórica e política limada de nossa memória nacional ou condicionada a sempre ser situada enquanto submissa e refém das “boas vontades”, das premissas e decisões de nossas elites. Objetivando com sua práxis de pensador social, através dessa sua forma de guerrilha intelectual, demonstrar que essa forma de ideário sistematizado de alienação e dominação das classes dominantes sobre as classes subalternas, por elas classificadas enquanto “inferiores”, é fenômeno histórico, político e sociológico que perpassa todos os processos de ocupação territorial (colonização) e o processo de implementação de força de trabalho escrava que caracterizam a constituição das Américas. Resultante de nossa origem estamental, racista e elitista que cria a busca pela edificação de sociedades europeias no chamado “novo mundo”. Sendo

¹² Uma teorização marxista não ortodoxa constituída por três características: a-) por inserir a questão racial enquanto elemento de interpretação e problematização social para se buscar compreender as contradições e desigualdades sociais características da sociedade brasileira; b-) por não coadunar a questão racial no Brasil enquanto atrelada a sua questão social, sendo por isso o antagonismo dialético inerente a luta de classes no país, oriundo de nossas relações raciais e não o contrário; c-) por desenvolver um método e metodologia interdisciplinar de teorização histórico-sociológico, ao utilizar elementos teóricos e culturais para além dos campos intelectuais reconhecidos ou pertencentes a seara marxista.

“O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel” seu estudo em que desenvolve problematização direta a existência do racismo em nossas entranhas, não apenas enquanto uma ideia ou teoria comum as nossas elites, mas que se reproduz em suas práticas e perpetuações através de ações cotidianas desenvolvidas em nossas camadas populacionais mais humildes e marginalizadas.

A comunicação feita por esses folhetos pode injetar a ideologia elitista das camadas dominantes das cidades ou dos latifundiários no campo, fazendo com que esses leitores sejam inconscientemente dirigidos nas suas atitudes, reações e atos, em maior ou menor grau, por essa ideologia.” (MOURA, 1976: 80)

Livro de poucas e concisas páginas que – desenvolvido de maneira independente e sem recursos governamentais ou institucionais – representa uma inflexão ao conjunto teórico de um autor que desde os anos 1940 já se caracterizava por ser intelectual dono de uma obra que ia ao contrário do que era norma para “a maior parte do século XX, a ideia de que raça não era uma dimensão importante das sociedades latino-americanas” (ANDREWS & FUENTES, 2018: 20).



Reprodução da capa de “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel”.

Um ensaio sociológico que por viés culturalista, desenvolve análise marxista em que acaba por questionar e tensionar o processo civilizatório brasileiro, problematizando política e historicamente as relações sociais e culturais que cotidianamente fazem-se inerentes as estruturas de alienação e dominação social que perpetuam e mantem intacto a hegemonia das elites em meio ao arcaísmo e conservadorismo social do país. Desmascarando a falácia do conceito de “democracia racial” enquanto ideário nacional, ao apontar que a sua não superação, ocasiona que o racismo em relação as populações não brancas – especialmente as negras – assim com as desigualdades e mazelas sociais inerentes a este, não se farão superar por si só, e por conseguinte a modernidade em terras *brasilis* será sempre utopia que nunca se realizará. Que sem sobrepujar as suas desigualdades raciais, que dão origem e base para a ocorrência das desigualdades sociais, o Brasil sempre será a terra alienante do porvir, do futuro que nunca chega, uma nação perdida em sua eterna – e triste – incompletude.

Referências bibliográficas

ANDREWS, George Reid & FUENTE, Alejandro De La. A Criação De Um Campo: Estudos Afro-Latino-Americanos. In: Estudos afro-latino-americanos: uma introdução. 1. Edição – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 19-44.

CARBONELL, Walterio. Cómo Surgió la Cultura Nacional. Havana: Ediciones Bachiller – Biblioteca Nacional Jose Martí. 2005. (Colección Escribanía).

DÁVILLA, Jerry. Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980). Tradução por Vera Lúcia Mello Joscelyne. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 52. Edição. São Paulo: Global, 2013.

- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 Ensayos De Interpretación De La Realidad Peruana*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007. (Colección Clásica, N. 69).
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática S. A., 1988.
- MOURA, Clóvis. *Organizações Negras*. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinícius Caldeira (organizadores). São Paulo: O Povo Em Movimento. 2. edição. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. Em co-edição com CEBRAP, 1981(a). p. 143-175.
- MOURA, Clóvis. *O Negro, de bom escravo a mau cidadão?* Rio de Janeiro: Conquista, 1977. (Temas brasileiros, v. 21).
- MOURA, Clóvis. *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel*. (Tentativa de Análise Sociológica). São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1976.
- NASCIMENTO, Abdias. *Sitiado em Lagos: Autodefesa de um negro açoitado pelo racismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- OLIVELLA, Manuel Zapata. *Por los senderos de sus ancestros. Textos escogidos: 1949-2000*. Bogota: Biblioteca de Literatura Afrocolombiana/Ministério da Cultura, 2010. (TOMO XVIII). In: Manuel Zapata Olivella, *por los senderos de sus ancestros by Educacion Intercultural – issuu*, acessado em 12/03/2021.
- RIBEIRO, Christian. *Emicida e a hipocrisia racial brasileira em questão: “Boa Esperança” e o desconstruir rapper de “Casa-grande & Senzala”*. *Áskesis. Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, v.9, n.1, 2020, p. 240-265.

WEST, Cornel. [1992]. Race Matters. – 25th Anniversary. Boston:
Beacon Press, 2017.